

# Protocolo de análise para classificação das fontes jornalísticas em mídia impressa: uma ferramenta para o estudo do enquadramento

Rejane Oliveira Pozobon  
Clarissa Mazon Miranda

## ***Justificando algumas escolhas***

Os temas em questão – clima e meio ambiente – tornam-se alvo de atenção de nossa análise em decorrência do trabalho desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa *Estudos de Jornalismo*, da Universidade Federal de Santa Maria, do qual as autoras deste texto fazem parte. O projeto de pesquisa “Testemunhos e experts nos acontecimentos das catástrofes ambientais uma análise de *Veja*, *Época*, *Isto é* e *Carta Capital*”, atualmente desenvolvido pelo grupo, se dispõe a analisar temas como enquadramento, acontecimento, fontes e agendamento nos quatro semanários acima citados. Soma-se a este interesse, a percepção de que movimentos internacionais como os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio da Organização das Nações Unidas, bem como a Conferência das Nações Unidas para o Desenvolvimento Sustentável que se desenvolveu em 2012, no Rio de Janeiro, têm tornado as temáticas de clima e meio ambiente, cada vez mais, pontos de pauta da discussão de diferentes atores sociais, o que acaba também por direcionar a atenção da imprensa para estes temas.

A pesquisa que deu origem a este artigo aborda questões de clima e meio ambiente e sua divulgação em revistas, com especial atenção, conforme já citado, para *Veja*. Nota-se que, no Brasil, as revistas sempre ocuparam um espaço nobre na imprensa escrita. O semanário *Veja*, por exemplo, é tido entre os de maior credibilidade do país há décadas. Influencia, por seu perfil de assinaturas e de consumo

em bancas, um público que está entre a população que tem acesso ao maior nível educacional no país. Conforme explica Sousa (2002), Veja se encaixaria no modelo das revistas de informação noticiosa, ou seja, aquele centrado em temas como política, economia, sociedade e cultura. Esse autor comenta ainda que, na atualidade, se poderia adicionar aos conteúdos de crescente importância, a tecnologia e o ambiente.

A análise de conteúdo foi escolhida para nosso estudo por tratar-se de um método interdisciplinar, baseado e advindo das ciências sociais. No jornalismo, ela pode ser utilizada para “detectar tendências e modelos na análise de critérios de noticiabilidade, enquadramentos e agendamentos” (Herscovitz, 2007:123). Pode ser também aplicada, segundo a autora, na classificação de produtos, gêneros e formatos; para avaliar características da produção de indivíduos, grupos e organizações; para identificar elementos típicos, exemplos representativos e discrepâncias; além de permitir a comparação entre diferentes mídias na abordagem de um dado tema. A autora demonstra que a análise de conteúdo para o estudo de produtos jornalísticos pode se dar a partir da combinação de critérios quantitativos e qualitativos, e é esta abordagem que procuramos utilizar em nosso protocolo de análise.

A tendência atual da análise de conteúdo desfavorece a dicotomia entre o quantitativo e o qualitativo promovendo uma integração entre as duas visões de forma que o conteúdo manifesto (visível) e latente (oculto, subentendido) sejam incluídos em um mesmo estudo para que se compreenda não somente o significado aparente de um texto, mas também o significado implícito, o contexto onde ele ocorre, o meio de comunicação que o produz e o público ao qual ele é dirigido (Herscovitz, 2007:126)

Na análise de conteúdo, segundo Herscovitz (2007), o profissional vai encontrar um modelo para entender o produtor da notícia, o receptor desta, a organização que coordena aquele veículo, e o processo produtivo e aspectos culturais nele implícitos. Este tipo de análise era considerado, já em 1927, por autores como Lasswell, capaz de descrever com precisão o que era dito sobre um determinado tema, num determinado lugar, num determinado espaço. Seria um método eficiente e replicável que serve para avaliar um grande volume de informações manifestas, “cujas palavras, frase, parágrafos, imagens ou sons podem ser reduzidos a categorias baseadas em regras explícitas” (Herscovitz, 2007:125).

O modelo, por outro lado, não está isento de críticas. Nas últimas décadas, contraposições têm surgido sobre o fato de a análise de conteúdo dar excessiva ênfase ao valor quantitativo e examinar apenas as questões mais manifestas do texto. Do lado dos pesquisadores mais relacionados às pesquisas qualitativas, o método recebe críticas de ser superficial: não considera o conteúdo latente e nem o contexto do objeto pesquisado e pode dar margem a simplificações quantitativas.

Enquanto os pesquisadores mais relacionados às pesquisas quantitativas criticam o rigor insuficiente e a nem sempre presente replicabilidade da análise de conteúdo. Herscovitz (2007) explica que se trata de um modelo que reúne elementos quantitativos e qualitativos e, por esta hibridização, se torna mais forte. Lembra ainda que não existe método de pesquisa perfeito, mas sim, bem construídos e conduzidos, que levarão o pesquisador a responder a hipótese de pesquisa que ele construiu. É esta visão, conforme já afirmamos anteriormente, que adotamos em nossa escolha pela metodologia da análise de conteúdo. “A necessidade de integração dos campos quantitativo e qualitativo decorre do reconhecimento de que os textos são polissêmicos – abertos a múltiplas interpretações por diferentes públicos – e não podem ser compreendidos fora de seu contexto” (Herscovitz, 2007:126).

É com base em suas aferições acerca da possibilidade de se utilizar a análise de conteúdo de forma quantitativa e qualitativa que Herscovitz (2007) propõe a sua definição da análise de conteúdo jornalística.

Método de pesquisa que recolhe e analisa textos, sons, símbolos e imagens impressas, gravadas ou veiculadas em forma eletrônica ou digital encontrados na mídia a partir de uma amostra aleatória ou não dos objetos estudados com o objetivo de fazer inferência sobre seus conteúdos e formatos enquadrando-os em categorias previamente testadas, mutuamente exclusivas e passíveis de replicação (Herscovitz, 2007:127)

Fonseca Junior (2009) lembrará Krippendorff, em obra de 1990, determinando que a análise de conteúdo requer do pesquisador a consideração de alguns marcos de referência, tais sejam: os dados, o contexto dos dados, o conhecimento do pesquisador, o objetivo da análise de conteúdo, a inferência como tarefa intelectual básica e a validade como critério de sucesso. Partindo dos elementos básicos da análise, ou seja, os dados, temos o fato de que estes são criados em condições que influenciam a construção do discurso, criados por uma pessoa que também tem seu contexto e é por ele influenciada.

Para organizar os dados, segundo Herscovitz (2007), antes de se iniciar a aplicação da análise de conteúdo é preciso que se indique a unidade de análise, bem como as categorias nas quais esta unidade de análise deverá ser dividida. Com tal escopo, nossa pesquisa optou por utilizar como unidade de análise todas as reportagens publicadas pela revista *Veja* no primeiro semestre de 2011 que falem sobre clima e meio ambiente. Optou-se também por categorizar as fontes das reportagens a partir da matriz de classificação apresentada por Schmitz (2010), que desenvolveu sua proposta como resultado de pesquisa de dissertação após estudar a forma como diversos autores trabalham a classificação das fontes jornalísticas. Na Figura 1, podem-se observar as categorias de fontes consideradas por este autor. Não va-

mos nos deter na explicação pormenorizada de cada categoria, porém, ela torna-se importante para que se possa compreender a forma como o protocolo de análise foi estruturado para nosso trabalho.

**Figura 1:** Matriz de tipificação de fontes, segundo Schmitz (2010)

<b>Categoria</b>	<b>Grupo</b>	<b>Ação</b>	<b>Crédito</b>	<b>Qualificação</b>
Primária	Oficial	Positiva	Identificada	Confiável
Secundária	Empresarial	Ativa	Sigilosa	Fidedigna
	Institucional	Passiva	Duvidosa	
	Individual	Reativa		
	Testemunhal			
	Especializada			
	Referência			

### ***A escolha das fontes como estratégias de construção do enquadramento noticioso***

Parece-nos importante apresentar uma ideia do que seriam as fontes jornalísticas a que nos referimos. Em conceituação bastante sintética, Franklin, Hamer, Hanna, Kinsey e Richardson trazem o significado de fontes:

As pessoas, lugares e organizações que suprem os jornalistas com ideias e informações gerais (e frequentemente citações) para potenciais novas histórias e características são conhecidas como fontes, algumas das quais podem ser pontos rotineiros de contato, enquanto outras podem ser “em off” (2005:248, tradução nossa).

Segundo Mesquita, a busca e consulta às fontes é o primeiro passo para o trabalho de reportagem. “Esta característica presente no jornalismo pode ser vista como o ponto inicial dos enquadramentos textuais, uma vez que a escolha destas fontes pré-anuncia a orientação que a narrativa de um determinado veículo seguirá” (Mesquita, 2008:33). No caso específico do noticiário acerca dos temas clima e meio ambiente, observa-se que há uma escolha relativamente frequente por algumas fontes que vão auxiliar o jornalista na tarefa de apreender temáticas complexas que, por vezes, fazem parte das notícias relacionadas a essas duas pautas. A escolha das fontes para uma reportagem relacionada aos temas clima e meio ambiente é, assim, um reflexo também do grau de compreensão que o jornalista tem acerca dos temas relacionados.

Com a passagem dos anos, desde a década de 1960, quando se viu o início do debate sobre o tema meio ambiente no Brasil, pôde-se assistir a uma ampliação das tipologias de fontes às quais os jornalistas recorrem quando da construção de uma reportagem sobre o tema. Luciana Costa (2006) estudou as tendências do tratamento oferecido às questões ambientais pela chamada grande imprensa. Utilizou como base a pesquisa PARD/UFPA/CNPq de 2006 em que se analisou 1.300 artigos e/ou reportagens publicadas nas principais revistas (Veja, Isto é, Época) e jornais brasileiros (tais como Folha de S. Paulo, O Estado de S. Paulo, Jornal da Tarde, Correio Braziliense, Jornal do Brasil, O Globo e O Liberal) no período de 1975 a 2002. A conclusão foi que as matérias jornalísticas, predominantemente descritivas e factuais, privilegiaram como suas principais fontes os órgãos governamentais.

Tal relato acerca das fontes, no entanto, sofre mudanças ao longo das décadas. Para as décadas de 1990 e 2000, Miranda (2006:42) observa que “consolidam-se como vozes autorizadas e legitimadas pelo discurso jornalístico para falar sobre a Amazônia as fontes do campo científico e ambiental (particularmente as ONGs), além das vozes do campo político”. A pesquisadora aponta que, ainda na década de 1990, as universidades e institutos de pesquisa se consolidaram como uma das fontes principais dos jornalistas.

Observando-se o trabalho desses autores, percebe-se que a escolha das fontes pode ser apontada como ponto inicial para se entender o enquadramento que as reportagens passarão ao público brasileiro sobre os temas relacionados ao meio ambiente, constituindo o imaginário popular do país acerca de tais pautas. Luckmann (2006) demonstra que a imagem transmitida pelas reportagens é, em geral, pessimista:

Além de abordar as previsões pessimistas sobre como pode ser a vida num planeta em tão drástica transformação, jornais, revistas, sites de Internet e programas de televisão noticiaram com bastante ênfase a conclusão de que esse contexto problemático é, efetivamente, resultado da ação humana – descartando a possibilidade de que as mudanças sejam resultado de processos naturais (Luckmann, 2006:56).

Ao analisar os três principais jornais de grande circulação do país, a autora conclui que eles se restringem ao aspecto factual dos assuntos noticiados. Fica claro que as notícias publicadas apresentam a natureza como tendo relação direta com a sociedade; o ponto de vista *negativo* dessa relação, contudo, é que recebe mais ênfase. Luckmann aponta ainda para a existência de estudos que demonstram a ênfase no espetáculo como característica também presente no jornalismo ambiental brasileiro.

A utilização das fontes em reportagens sobre clima e meio ambiente, desta primeira década do século XXI, pôde ser por nós apurada por meio dos trabalhos de Campos (2006) e de Bueno (2007). Campos não estudou a questão das fontes, porém,

analisou o tratamento dado às pautas ambientais da revista *Veja*, em um intervalo de 20 anos, compreendido entre 1985 e 2005. Percebeu no período mudanças na abordagem da revista *Veja* em relação ao meio ambiente. Em meados da década de 1980, o meio ambiente na revista *Veja* era um assunto necessariamente secundário, cenário modificado no final da década de 1980 e no início da década de 1990, com a *Eco-92* cumprindo importante papel ao apontar para uma direção a ser seguida rumo à sustentabilidade. Se, de início, *Veja* preocupava-se em tornar presentes os aspectos econômicos dos temas relacionados ao meio ambiente, e, não necessariamente, os ecológicos, hoje se vê a ocorrência de reportagens com o foco no meio ambiente. Porém, estas ainda poderiam ter uma visão menos fragmentada, o que, segundo Campos (2006), deverá ser uma conquista futura do jornalismo ambiental brasileiro: “O que esperamos para um futuro próximo é uma mudança de paradigma, aliada ao fortalecimento da visão holística do meio ambiente” (Campos, 2006:13). Em nossa visão, a mudança de foco constatada por Campos (2006) entre os aspectos econômicos e os aspectos ecológicos nas pautas de meio ambiente de *Veja* entre os anos de 1980 e 2005, atingiu também a escolha das fontes para estas reportagens. Tal hipótese mereceria um estudo a parte, porém, pelo que nos foi possível compreender a partir de nossa própria pesquisa, esta mudança de perfil de cobertura garantiu maior espaço para as fontes científicas e testemunhais nas pautas de clima e meio ambiente da revista.

Bueno (2007) pesquisou nove dos jornais de maior circulação no país (*Folha de S. Paulo*, *Estado de S. Paulo*, *O Globo*, *Jornal do Brasil*, *Jornal da Tarde*, *Diário do Grande ABC*, *Gazeta Mercantil*, *Valor Econômico* e *Jornal do Commercio/RJ*). Desta amostragem, foram estudadas as notícias e reportagens sobre meio ambiente apenas dos 4 grandes jornais de São Paulo e Rio de Janeiro; a análise dos demais gêneros jornalísticos (colunas, notas de leitores, artigos e editoriais) deu-se em todos os nove veículos. Foram sorteados no semestre de julho a dezembro de 2006 dias da semana que seriam analisados em cada mês, de forma a alcançar equilíbrio no perfil das edições consultadas. Bueno notou algumas particularidades entre as 409 reportagens analisadas nos quatro principais jornais do país no que tange a análise das fontes: a participação do cidadão comum (não cientistas, pesquisadores, técnicos, autoridades, etc.), dos ambientalistas e das organizações do Terceiro Setor (por exemplo, ONGs ambientais) não é significativa na cobertura ambiental, predominando as autoridades (políticos e especialistas – professores e pesquisadores – na área). Na pesquisa realizada pelo autor, as matérias que incluem cidadãos comuns como fontes representam 13% do total da cobertura, porcentagem que declina para 10% no caso das ONGs.

### ***Construção de um protocolo experimental de análise***

O nosso protocolo de análise (Figura 2) constitui-se em quadro elaborado com base no sugerido por Fonseca Junior na obra de Jorge Duarte e Antonio

Barros, *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação* (2009). A tabela apresentada por Fonseca Junior (2009) foi por nós adaptada para atender às demandas apresentadas na pesquisa. A adaptação da tabela foi realizada tendo como referência o estudo dos autores que referenciam nossa pesquisa no que tange os temas de agendamento, enquadramento, jornalismo ambiental e escolha das fontes, além de procurar permitir a compreensão da aplicabilidade destes conceitos na análise do conteúdo de reportagens da revista *Veja*. Assim sendo, no formulário de codificação, excluímos a primeira parte em que o autor selecionava o veículo de comunicação responsável por aquela reportagem. Fizemos tal escolha, tendo em vista que, em nosso trabalho, abordamos apenas as matérias utilizadas por *Veja*. Mantivemos o que diz respeito ao título da matéria, identificação do número e data da edição em que foi divulgada a reportagem, número das páginas em que a reportagem aparece.

Na seção número 2 do protocolo, ampliamos o número de gêneros editoriais possíveis, de forma a abranger as editorias presentes habitualmente na revista *Veja*. Fizemos tal opção, porque, em levantamento prévio acerca de reportagens divulgadas no primeiro semestre de 2011 neste veículo, constatamos que são frequentes as incursões de conteúdos sobre estes temas em diferentes editorias da revista e não somente na editoria *Ambiente*.

No que diz respeito ao que consideramos a principal parte deste formulário, temos a seção de análise de texto. Nela, e de forma correlata àquela apresentada por Fonseca Júnior (2009), mantivemos dois campos de determinação do local em que se dá o fato. No primeiro item, pode-se optar entre as cinco regiões geográficas brasileiras. No segundo campo, pode-se escolher entre os continentes, para o caso de tratar-se de um fato ocorrido no exterior. Apesar de Aldo Schmitz (2010) indicar que atualmente não é mais determinante que se situe a localização da fonte, nos pareceu importante fazê-lo em nosso contexto tendo em vista o fato de que assim poderíamos compreender qual tipo de noticiário ganhara, no período estudado, mais espaço em *Veja* – se o nacional ou o internacional.

Seguindo à lógica da tabela apresentada por Fonseca Júnior (2009), mantivemos os campos de análise da conotação da mensagem. Para nós, foi possível, a partir da observação prévia das reportagens que seriam analisadas, situar a conotação das matérias em algumas palavras-chave, tais sejam: *Desastre*, *Novidade*, *Descoberta* e *Preservação*. Tais palavras foram escolhidas de maneira livre pelas pesquisadoras, tendo em vista o objetivo de reunir em categorias o que consideraram ser – de forma geral – os temas indicados nestas matérias. Também se colocou em questão o conteúdo principal das reportagens, seja este clima, ou meio ambiente ou ainda reportagens relacionadas a ambos. Elaboramos esta pergunta tendo em vista que estes são os dois temas-chave desta pesquisa.

Inserimos então no formulário de codificação uma série de questões para que possa ser auferida pelo pesquisador a natureza das fontes utilizadas pela reportagem.

Dentre estas questões, temos desde aquelas mais quantitativas, tais sejam, o número de fontes consultadas, a identificação de cada fonte e a classificação de cada fonte segundo categorias elencadas por Schmitz (2010), até mesmo outras, pode-se dizer, mais qualitativas, pois dependem em certa maneira, da interpretação do pesquisador sobre o texto da reportagem. Neste último tipo de questões, temos a investigação de aspectos notados na fala de cada fonte, ou seja, a percepção que esta nos transmite e também as frases que denotam enquadramentos. A ideia de se identificar a forma como algumas frases do texto denotam enquadramento partiu do que observa Entman (1993), segundo quem os enquadramentos podem definir problemas, diagnosticar causas, fazer julgamentos morais e sugerir soluções. Entman (1993) descreve que uma só frase da reportagem pode produzir mais do que uma destas funções de enquadramento, mesmo que muitas frases do texto não produzam nenhum destes. Percebemos assim que seria importante apontar dentre as frases aquelas que poderiam ser indicadoras de enquadramento, conforme descritas por Entman.

O protocolo de análise desenvolvido apresenta ainda a identificação das fotos e ilustrações da reportagem. Mantivemos esta parte da tabela, porque consideramos que as imagens são importante na construção do enquadramento oferecido por um veículo a um tema. A presença de fotos relevantes sobre o tema é também, conforme apresenta Traquina (2005), um critério de noticiabilidade relevante a ser considerado quando da escolha de uma notícia para a edição de um veículo, compondo, portanto, uma das estratégias de escolha dos veículos por determinados conteúdos. Para a análise das imagens, incluímos a possibilidade de se tratarem de ilustrações ou infográficos. Fizemos tal opção, tendo em vista que, muitas vezes, as questões ambientais são melhor explicadas com o uso de ilustrações ou de infográficos tendo em vista que estes auxiliam a compreensão de fenômenos que são por vezes, de caráter “científico”. Fizemos esta opção também porque notamos que nas reportagens estudadas temos a presença frequente de ilustrações e infográficos construídos para dar suporte ao conteúdo em texto.

Por fim, seguindo a proposta do texto apresentado no artigo de Fonseca Júnior (2009), temos um campo para “Observações sobre a matéria”. Pela utilização já realizada do protocolo de pesquisa, nos foi possível notar que se trata de um campo que permite enriquecer a análise, pois nele cabem conclusões iniciais sobre cada uma das reportagens que, mais tarde, auxiliam a compor nossa análise geral de conteúdo, bem como as conclusões finais acerca das reportagens estudadas.



**Figura 2:** Protocolo de análise elaborado pelas autoras.

Grupo		Codificador					
Revista Veja		Data:					
Pág.:		Título da matéria:		Nº:			
1 - Presença de ilustrações e explicações							
<input type="checkbox"/> Não		<input type="checkbox"/> Sim					
2 - Gênero (selecionar um predominate):							
<input type="checkbox"/> nota		<input type="checkbox"/> notícia	<input type="checkbox"/> reportagem		<input type="checkbox"/> editorial	<input type="checkbox"/> carta	
3 – Seção							
<input type="checkbox"/> carta ao leitor	<input type="checkbox"/> Entrevista	<input type="checkbox"/> panorama	<input type="checkbox"/> Brasil	<input type="checkbox"/> Economia	<input type="checkbox"/> Internacional	<input type="checkbox"/> Geral	
						<input type="checkbox"/> Guia	
<input type="checkbox"/> Artes&Espetáculos	<input type="checkbox"/> Veja.Com	<input type="checkbox"/> Ambiente					
<b>Análise de Texto</b>							
4. Local da pauta (localização):							
Brasil	<input type="checkbox"/> Sul	<input type="checkbox"/> Sudeste	<input type="checkbox"/> Centro-oeste	<input type="checkbox"/> Norte	<input type="checkbox"/> Nordeste		
Exterior	<input type="checkbox"/> América do Sul	<input type="checkbox"/> América Central	<input type="checkbox"/> América do Norte	<input type="checkbox"/> Europa	<input type="checkbox"/> África		
	<input type="checkbox"/> Ásia	<input type="checkbox"/> Oceania					
5. Conotação da mensagem:							
Desastre	<input type="checkbox"/> Novidade	<input type="checkbox"/> Descoberta	<input type="checkbox"/> Preservação				
6. Conteúdo da mensagem							
Clima	<input type="checkbox"/> Meio Ambiente	<input type="checkbox"/> Ambos					
7. Número de fontes consultadas							

8. Identificação de cada fonte	
9. Categoria de cada fonte	
10. Aspectos notados na fala de cada fonte	
11. Frases que denotam enquadramentos	
12. Assuntos de meio ambiente abordados	
13. Posicionamento da notícia em relação ao todo da edição da revista	
<b>Análise da Imagem</b>	
14. Tipo	
<input type="checkbox"/> Foto	
<input type="checkbox"/> Ilustração / Infográfico	
<input type="checkbox"/> Ambos	
15. Local:	
Brasil	
<input type="checkbox"/> Sul	
<input type="checkbox"/> Nordeste	
Exterior	
<input type="checkbox"/> América do Sul	
<input type="checkbox"/> América Central	
<input type="checkbox"/> América do Norte	
<input type="checkbox"/> Europa	
<input type="checkbox"/> África	
<input type="checkbox"/> Ásia	
<input type="checkbox"/> Oceania	
16. Elenco de fotos e ilustrações:	
17. Conteúdo da mensagem por fotos e ilustrações:	
18. Observações sobre a matéria:	

## **Algumas considerações importantes**

Ao focarmos na exposição midiática de temas como clima e meio ambiente, trazendo para análise a versão impressa da revista *Veja* pretendíamos ter uma amostra das fontes escolhidas pela revista em reportagens sobre os temas citados para, assim, observarmos alguns padrões, e, também, coletarmos indicativos para a realização de estudos ampliados sobre a relação entre as fontes escolhidas e as formas como estes temas têm sido agendados e enquadrados por *Veja*. Tal objetivo foi possível de ser cumprido graças ao protocolo de análise aqui apresentado. Realizamos a aplicação do protocolo em todas as 24 reportagens localizadas sobre os temas nas 26 edições de *Veja* de janeiro a junho de 2011. O procedimento de localização das matérias se deu a partir da leitura das edições do período indicado. Encontrando as reportagens que continham os descritores escolhidos, se chegou ao *corpus* da pesquisa.

Das reportagens estudadas, o protocolo permitiu observar alguns aspectos em relação à construção dos textos no que tange à utilização de fontes jornalísticas. As reportagens que dizem respeito a desastres ambientais e tragédias humanas são as únicas que utilizam fontes testemunhais. Quando a reportagem se preocupa em investigar um problema relacionado à preservação do meio ambiente, mas que não está relacionado a um desastre ambiental como fato provocador da pauta, vemos um apelo maior às fontes especializadas ou às fontes oficiais. Estas, de forma geral, estão presentes de maneira mais uniforme entre as matérias estudadas.

Quando as reportagens trazem temas internacionais – com exceção daquelas que tratam de desastres ambientais – nota-se o uso de poucas fontes. Ou se utiliza uma fonte oficial por meio de citação de declaração pública desta, não oferecida exclusivamente à revista, ou se tem esta fonte sendo a única de todo o texto construído, de forma que as demais informações do texto são oferecidas por fontes que não vêm identificadas.

No que tange à relação entre a escolha das fontes e o enquadramento, observamos dois tipos de apontamentos. O primeiro é que são as informações que o repórter obtém – provavelmente de fonte secundária, porém não identificada – que lhe permitem construir toda a lógica argumentativa do texto. O segundo aspecto que se pôde observar é que, quando as fontes são identificadas, elas vêm para confirmar a tese defendida por meio de frases-chave do texto (também identificadas em nosso protocolo) e que constituem os eixos argumentativos e de enquadramento construídos pelo autor da reportagem. Desta forma, se uma frase, conforme Entman (1993), pode ter o conteúdo que permite identificar todo o enquadramento que um texto destina-se a passar, a fonte quando citada costuma ser um reforço à frase “enquadrante”, de forma que se tem assim a ideia clara do posicionamento que a reportagem outorga à temática escolhida.

Quando se trata da relação entre o agendamento da temática em pauta nas reportagens e a quantidade de fontes utilizadas para o texto, percebemos que as

reportagens sobre catástrofes ambientais são as que recebem maior número de páginas, maior número de fontes consultadas, uma equipe maior de repórteres envolvidos no preparo da matéria, bem como o uso mais amplo de fotografias e infográficos ilustrativos. Se partirmos do ponto de vista da teoria do agendamento, temos que, por ocuparem mais espaço e, por vezes, ganharem a capa da edição, estas reportagens devem ser as que mais agendam a população sobre a temática em pauta. Possivelmente, o leitor de *Veja* comentará aqueles assuntos e procurará acompanhar na mídia os desdobramentos de tal tema de catástrofe para o qual a revista deu tamanha importância e destaque.

Quando se procura traçar um perfil do que *Veja* divulga em termos de clima e meio ambiente no primeiro semestre de 2011, percebe-se que os assuntos são normalmente relacionados às catástrofes ambientais ou a pontos de vista de denúncia sobre temas da área. Percebe-se a utilização de um estilo que procura passar os pontos problemáticos da situação no Brasil e no Mundo. Nas matérias observadas, se notou uma visão do Brasil como um país de problemas ambientais e não de soluções. A utilização das fotos e imagens de infográficos ilustrativos são reforçadores destas mensagens presentes para o leitor.

Bourdieu (1997:40) salienta que, por ser baseada no fator tempo, a prática jornalística não favorece o pensar. A incapacidade de fazer reflexões mais aprofundadas em um curto espaço de tempo faz com que os jornalistas optem por “ideias feitas”, o que facilita o processo de recepção, mas, por outro lado, inibe uma construção mais aprofundada. Na mesma linha, Alsina (2001:75) afirma que “el proprio trabajo periodístico tiene un tiempo de producción rápido que no siempre permite una autoreflexión y una autocrítica sobre el proprio discurso”.

Isso talvez explique porque a revista em estudo se detenha mais na cobertura de acontecimentos do que problemáticas. Traquina (2005:111) afirma que “o ritmo do trabalho jornalístico exige uma ênfase sobre acontecimentos e não sobre problemáticas”. Segundo o autor, os acontecimentos estão encerrados na “teia da facticidade” do tradicional *lead* noticioso (quem? o quê? quando? onde? como? porquê?). Já as problemáticas exigem um poder de resposta por parte do campo jornalístico, exigem meios para fazer a cobertura de algo não definido no espaço nem no tempo. Percebemos assim que talvez ainda haja uma evolução necessária para que o noticiário em revista sobre o clima e meio ambiente possa vir a ser apropriadamente apontado como um jornalismo voltado a estes temas. Tal perspectiva parece estar de acordo com o pensamento de Massierer e Girardi (2006) quando abordam a entrada dos assuntos ambientais no contexto dos fatos noticiáveis: “Os problemas ambientais passam a ser notícia na medida em que são reconhecidos como tal pela sociedade e entram no rol de assuntos que podem ser tratados jornalisticamente a cada rotina diária de produção” (Massierer, Girardi e Schwaab, 2006:11). Ao pesquisar o tema da biodiversidade e sua exposição no jornalismo atual, Geraque (2004) acrescenta

que a comunicação pode auxiliar a população a valorar os diferentes ambientes ecológicos e assim assegurar que todos entendam do que se trata. A partir deste conhecimento, pode-se esperar comunidades que respeitem mais e percebam o valor destas unidades ecológicas do planeta.

A pauta do meio ambiente não é hoje mais restrita aos cadernos ou programas de rádio e televisão especializados, conforme lembram Girardi, Massierer e Schwaab (2006), ela faz parte dos veículos diários e semanais. É preciso que se pense a qualidade com a qual esta informação é passada, “até que ponto a necessidade de se pensar um futuro ambientalmente sustentável está claro para todos? Operar jornalisticamente neste terreno levanta a necessidade de um jornalista que não reforce o estigma de que meio ambiente é sinônimo de fauna e flora” (2006:10). Os autores lembram ainda o papel-chave que o preparo do jornalista tem na democratização do acesso ao jornalismo ambiental. Entendem que fazer jornalismo ambiental significa “adotar outra visão de mundo, pelo viés do pensamento complexo e da sustentabilidade, que são correntes até de inspiração biológica, mas comprovadamente ampliadoras da visão humana sobre o planeta e os fenômenos” (Girardi, Massierer, Schwaab, 2006:10). O jornalista tem, portanto, ao que nos parece, também a função de ampliar a consciência da população sobre a temática ambiental e do clima. O protocolo por nós proposto vem também como ferramenta reflexiva para que a própria comunidade jornalística possa apurar e perceber a forma como escolhe suas fontes e como estas escolhas compõem o noticiário que hoje se constitui realidade na imprensa brasileira sobre as temáticas em foco nesta pesquisa.

*Rejane Oliveira Pozobon*

Professora da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)  
rejane.op@terra.com.br

*Clarissa Mazon Miranda*

Mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)  
miranda.clarissa@gmail.com

## **Notas**

1 e 2. Dissertação desenvolvida no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Santa Maria sob a orientação da professora Rejane de Oliveira Pozobon.

## **Referências bibliográficas**

ALSINA, Miguel Rodrigo. *Teorías de la comunicación: ámbitos, métodos y perspectivas*. Valência: Universidade de Valência, 2001.

AMARAL, M. F. *Testemunhos e experts nos acontecimentos das catástrofes ambientais - uma análise de Veja, Época, Istoé e Carta Capital*. Projeto de Pesquisa apresentado ao CNPq. Universidade

Federal de Santa Maria, Pós-graduação em Comunicação. Grupo de Pesquisa Estudos de Jornalismo. 2010.

BOURDIEU, Pierre. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

BUENO, W. Jornalismo Ambiental: explorando além do conceito. In: *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, n. 15, p. 33-44, jan./jun. Rio de Janeiro: UFPR, 2007. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/made/article/download/11897/8391>>. Acesso em: 12 jan. 2012.

CAMPOS, M. A. O meio ambiente na revista *Veja*: mudanças ocorridas em duas décadas de análise. In: *Contemporânea*, n. 7, 2006/2. Rio de Janeiro, UERJ, 2006. Disponível em: <[http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed\\_07/13MARIANAALVES.pdf](http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed_07/13MARIANAALVES.pdf)>. Acesso em: 12 jan. 2012.

COSTA, L. M. O esverdeamento da imprensa. In: *Revista Estudos em Jornalismo e Mídia*, vol. 3, n. 2. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2006. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2289>>. Acessado em: 20/11/2010.

ENTMAN, R. Framing: toward clarification of a fractured paradigm. In: *Journal of Communication*, n. 43, 1993. Disponível em: <[http://www.unc.edu/~fbaum/teaching/POLI891\\_Sp11/articles/J-Communication-1993-Entman.pdf](http://www.unc.edu/~fbaum/teaching/POLI891_Sp11/articles/J-Communication-1993-Entman.pdf)>. Acesso em: 22 maio 2011.

FONSECA JÚNIOR, W. C. Análise do conteúdo. In: DUARTE, J. e BARROS, A. *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. 2ª. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

FRANKLIN, B.; HAMER, M.; HANNA, M.; KINSEY, M. e RICHARDSON, J. E. *Key Concepts in Journalism Studies*. Londres: Sage Publications Ltd., 2005.

GERAQUE, E. Perceber a biodiversidade: jornalismo e ecossistema parecem (mas não são) elos perdidos. In: VILAS BOAS, S (Org.). *Formação e informação ambiental: jornalismo para iniciantes e leigos*. São Paulo: Summus Editorial, 2004.

GIRARDI, I. M. T.; MASSIERER, C. e SCHWAAB, R. T. Pensando o jornalismo ambiental na ótica da sustentabilidade. *UNIrevista*, v. 1, n. 3, julho de 2006. Disponível em: [http://www.alaic.net/ponencias/UNIrev\\_Girardi.pdf](http://www.alaic.net/ponencias/UNIrev_Girardi.pdf). Acesso em: 22 maio 2011.

HERSCOVITZ, H. G. Análise de conteúdo em jornalismo. In: LAGO, C. e BENETTI, M. *Metodologia de pesquisa em jornalismo*. Petrópolis: Vozes, 2007.

LUCKMANN, A. P. Jornalismo e mídia-educação no contexto do aquecimento global. In: *Revista Estudos em Jornalismo e Mídia*, vol. 3, n. 2. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2291>>. Acessado em: 22/05/2011.

MESQUITA, F. A. *As fontes jornalísticas no Caso Dossiê: uma análise de enquadramento da cobertura das revistas Veja, Época, IstoÉ e CartaCapital*. 2008. 144 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2008.

MIRANDA, L. O esverdeamento da imprensa. In: *Revista Estudos em Jornalismo e Mídia*, UFSC, Florianópolis, n. 2, v.3, 2006.

SCHMITZ, A. A. *Fontes de notícias: ações e estratégias das fontes empresariais nas relações com jornalistas de economia e negócios*. 2010. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

SOUSA, P. J. *Teorias da notícia e do jornalismo*. Chapecó: Argos, 2002.

TRAQUINA, N. *Teorias do jornalismo: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional*, vol. II. Florianópolis: Insular, 2005.

## **Resumo**

O presente artigo propõe-se a apresentar um protocolo de análise para a classificação de fontes jornalísticas em mídia impressa. A ferramenta integra a pesquisa “Fontes jornalísticas em *Veja*: enquadramento como estratégia de noticiabilidade em pautas de clima e meio ambiente”<sup>1</sup> e foi desenvolvida com o intuito de permitir a aplicação da análise de conteúdo nas reportagens de clima e meio ambiente divulgadas pela revista *Veja* no primeiro semestre de 2011. A aplicação do referido protocolo de análise permitiu identificar que as citações das fontes estão alinhadas ao enquadramento apresentado pelo autor do texto e que determinadas categorias de fontes são utilizadas com recorrência por temas que se relacionam às catástrofes ambientais, enquanto outras categorias se fazem mais presentes em questões como denúncias, preservação ou novidade do campo ambiental e climático.

## **Palavras-chave**

Fontes jornalísticas; Enquadramento; Clima; Meio ambiente; Revista *Veja*.

## **Abstract**

*Analysis Protocol for Classification of Journalistic Sources in Print Media: a tool for Framework Study*  
This article aims at presenting an analysis protocol for the classification of journalistic sources in print media. The tool integrates the research “Journalistic Sources in *Veja*: Framework as strategy of newsworthiness in rulings of climate and environment”<sup>2</sup> and was developed in order to permit the application of content analysis reports on the climate and the environment published by *Veja* magazine in the first half of 2011. The implementation of aforementioned protocol analysis revealed that the sources citations are aligned to the framework presented by the author of the text and that certain categories of sources are used with recurrences for subjects related to environmental disasters, while other categories are more present in issues such as complaints, preservation or novelty of the environmental and climatic fields.

## **Keywords**

Journalistic sources; Framework; Climate; Environment; *Veja* magazine.